

**Dados do estudo, “Será que uma palmada resolve? – O que pensa a sociedade sobre os castigos corporais”**

Salvaterra, F., Amaral, R. & Chora, M., 2022

A investigação, desenvolvida pelas psicólogas Fernanda Salvaterra (coordenadora do estudo), Rita Amaral e Mara Chora no âmbito da campanha “Nem mais uma palmada”, promovida pelo Instituto de Apoio à Criança, teve como objetivo compreender o que pensa a sociedade atual sobre a utilização de castigos corporais em crianças.

Um dos resultados principais remete para o facto de cerca de **3 em cada 10 pessoas ainda considerarem poder usar-se castigos corporais em crianças.**

Relativamente às práticas educativas utilizadas com maior frequência pelos participantes, aproximadamente 89% da amostra referiu recorrer maioritariamente a práticas adequadas, tais como verbalizar os sentimentos da criança ou dar castigos como a retirada de privilégios (por exemplo, não ver TV); cerca de **45% dos participantes utilizam regularmente práticas inadequadas, como ameaçar ou gritar; e 4% dos participantes indicaram recorrer frequentemente a castigos corporais.**

Não obedecer ou desafiar, ser “malcriado” e não cumprir com os limites e com as regras da família foram reportadas como sendo as situações que mais justificam o uso de castigos corporais.

Embora a maioria dos participantes tenha afirmado, na questão aberta, que nada justifica a utilização de castigos corporais (81,7%), cerca de 5% menciona que os comportamentos desadequados e de desrespeito face a outros é uma justificação legítima para o seu uso, enquanto 3% afirma que deve ser apenas utilizado em situações raras e extremas, devendo ser o último recurso quando nada mais funciona, bem como salientam que estas situações devem ser analisadas caso a caso.

Ainda que uma parte da amostra utilize a punição física para disciplinar a criança, a maioria dos participantes deste estudo tem crenças que remetem para a menor aceitação desta como estratégia educativa.

Preocupante, também, é o facto de **28% dos participantes que trabalham com crianças considerarem poder usar castigos corporais.**

De um modo geral, as memórias de infância de maior rejeição parental encontram-se associadas a crenças que remetem para uma menor aceitação dos castigos corporais na educação. Uma hipótese interpretativa poderá ter que ver com um maior conhecimento e uma maior consciencialização sobre os efeitos negativos dos castigos corporais para o desenvolvimento e uma tentativa de romper com o ciclo de punição física.

Importante também é o facto de que Memórias de infância de suporte emocional parental estão associadas a práticas educativas adequadas.

Observou-se, ainda, que as pessoas com níveis de estudos mais elevados têm uma menor aceitação do uso dos castigos corporais como forma de disciplinar e que os participantes mais velhos têm crenças que remetem para uma visão tradicional da educação, ou seja, de maior aceitação e uso de castigos corporais.

O presente estudo remete-nos para a necessidade de promover o conhecimento sobre o impacto que as crenças e atitudes dos pais e cuidadores têm no desenvolvimento e educação das crianças e para a importância do exercício de uma parentalidade consciente, sensível e positiva, aliada a uma disciplina eficaz e sensível, em que os castigos corporais não devem ter lugar e nesse sentido, o IAC desenvolveu um Kit de formação para pais, profissionais e crianças, de modo a promover estratégias educativas adequadas e alternativas à punição física.